

PSICANÁLISE

Bernardo Tanis

O infantil na psicanálise

Memória e temporalidades

2ª edição

Blucher

O INFANTIL NA PSICANÁLISE

Memória e temporalidades

Bernardo Tanis

2ª edição

O infantil na psicanálise: memória e temporalidades, 2 ed.

© 1995 Bernardo Tanis

© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Lidianie Gonçalves

Preparação de texto Daniela Barbosa

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Tanis, Bernardo

O infantil na psicanálise: memória e temporalidades / Bernardo Tanis. – 2. ed. – São Paulo: Blucher, 2021.

228 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-262-5 (impresso)

ISBN 978-65-5506-263-2 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Memória. 3. Comportamento infantil (Psicanálise). 4. Tempo – Aspectos psicológicos. I. Título

21-0894

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio à segunda edição	11
Apresentação	15
Introdução: O infantil para além da infância	19
1. Carlos, uma árvore sem vida?	39
2. A história dos primórdios	49
3. O reino do imaginário	79
4. Da repetição à simbolização	115
5. Religando: tempo e memória	141
6. Do modelo da construção à construção de modelos	157
Conclusão	181
Posfácio: O infantil à flor da pele	187
Referências	219
Sobre o autor	227

1. Carlos, uma árvore sem vida?

Por que esta letargia?

Eles mal poderiam despertar-me.

Pancada de chuva primaveril.

(Bashô)

Birman¹ sustenta que a pesquisa psicanalítica pressupõe a experiência psicanalítica em dois eixos: campo da pulsão e campo da interpretação, ou algo que poderia ser traduzido em outros termos como: experiência transferencial e hipótese interpretativa. Acredito, endossando esse ponto de vista, ser essa a posição do analista pesquisador em sua clínica, nos momentos em que a intensidade das forças em jogo surge um sentido possível. Aqui, vejo-me animado por um duplo movimento, por um lado, o prisma sugerido por Birman na esteira freudiana e, por outro, um enfoque um pouco mais histórico, mais comparativo, talvez até epistemológico. Se

¹ Apresentação oral feita no segundo encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise. PUC-SP, 1992.

é possível conciliar essas abordagens, é o que o próprio desenrolar deste trabalho tentará mostrar.

Ocupo-me da clínica psicanalítica com adultos e crianças e essa tarefa me coloca inúmeras questões, algumas das quais enunciei na introdução. Muitas originam-se no campo mais imediato da experiência clínica, pois estão ligadas aos níveis menos organizados de nossas hipóteses, outras vão progressivamente se descolando da experiência mais imediata e sensível e assim atingem o nível dos conceitos, dos modelos. Aqui torna-se inevitável que o analista amplie sua reflexão. Há muitos momentos em que Freud se viu obrigado a refazer seu percurso de teorização, rever constructos e sugerir novas hipóteses. Tomemos como exemplo uma das suas colocações por ocasião da introdução da teoria sobre a libido narcísica, que deu origem à segunda teoria pulsional. Perante o estado ainda inacabado de sua teoria, diz Freud (1914/1986):

Certamente, representações como a de libido egoica, energia pulsional egoica e outras semelhantes não são apreensíveis com facilidade, nem seu conteúdo é suficientemente rico; uma teoria especulativa das relações entre elas pretenderia obter primeiro, como fundamento, um conceito nitidamente circunscrito. Só que, a meu ver, esta é a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a interpretação da empiria. Esta última não invejará na especulação o privilégio de uma fundamentação logicamente incontestável de um ponto de vista lógico; deverá dar-se por satisfeita com pensamentos básicos que se perdem na névoa e dificilmente se deixam conceber, espera concebê-los com maior claridade no curso do seu desenvolvimento como ciência, e dado o caso, substituí-los por outros. . . . Freud (1914/1986, p. 75).

Minha proposta visa seguir esse caminho proposto por Freud, não na perspectiva de apresentar novos fatos que possam vir refutar teorias construídas, mas de indagar a relação entre os modelos e a experiência. Nesse sentido, embora nosso trabalho não obedeça a uma exposição sistemática de casos e subsequente análise deles, estaremos sempre animados por uma reflexão não exclusivamente especulativa, pois consideramos que não há teoria psicanalítica sem objeto psicanalítico. Até nos momentos mais especulativos, percebemos em Freud, se não uma referência imediata à clínica, um estado latente em suas formulações. Por isso pretendo iniciar este capítulo com um breve relato de material clínico e a partir dele organizar algumas questões. Não se trata de um material que considere muito especial. Ele o é na medida em que cada paciente é especial, singular. Não se trata tampouco de apresentar alguma situação de extrema originalidade, pelo contrário, minha impressão é de que muitos analistas já viveram experiências semelhantes em suas clínicas. O que me motiva a apresentá-lo é que, em seu momento, há alguns anos, suscitou em mim muitas questões. Talvez represente alguma gratidão para com alguém que muito me ensinou e estimulou a pensar algumas questões que, embora naquele momento não se configurassem como tema para uma pesquisa, hoje considero precursoras deste trabalho, assim como muitos outros que talvez eu nem chegue a nomear, mas que estarão presentes nas entrelinhas de minha escrita. Obviamente tentarei evitar o maior número de referências concretas para evitar o reconhecimento do material. Façamos de conta que se trata de um personagem de ficção. Muitas histórias não nos proporcionam uma convicção de realidade sensível? Vamos então ao caso.

Fui procurado pela mãe de Carlos, garoto de 10 anos de idade, após recente separação de seu marido. Ela conta que Carlos está muito apático, não demonstra interesse por nada, vai mal na escola. Ela, por sua vez, mostra-se muito atarefada, dividida entre uma

empresa que dirige, relações sociais e a casa, à qual pode dedicar pouco tempo. Não deixa de se queixar ao longo da entrevista de seu ex-marido: “Ele não deu certo, não se interessa pelas crianças, já arrumou uma namorada etc.”

Vejo o pai, que, assim como a mãe, apresenta-se muito bem vestido, com uma aparência impecável. Ele receia que seu filho tenha tendências homossexuais. Parece ocupado em refazer sua vida e diz que sempre fora difícil entender-se com sua mulher.

Atualmente, namora uma moça alguns anos mais jovem. Conheço Carlos. Ele destoa profundamente da aparência de seus pais. Apresenta-se abatido, parece estar sempre cansado, sem tónus muscular. Desenha, na primeira entrevista, uma estrada deserta e uma árvore sem folhas. Algo que se assemelha a um esqueleto de árvore. Quando lhe peço para falar sobre o desenho, diz que aconteceu uma batida entre dois carros e que a árvore se queimara, perdera a vida.

Após algumas entrevistas, decidimos pelo início da análise de Carlos. Tratava-se de entender de que acidente se falava. Tive a impressão de ser algo anterior e além da separação.

A separação dos pais teve o efeito de acentuar as dificuldades que Carlos vinha carregando consigo fazia bastante tempo. Não discorrerei sobre o processo de análise de Carlos, a não ser sobre um momento muito específico. Direi apenas que, após um ano e meio do início da análise, ele tinha se apropriado do processo. Participava ativamente por meio de associações verbais, desenhos ou brincadeiras que ele mesmo propunha. Experimentava, no momento, uma intensa competição comigo, ao mesmo tempo que aparecia um desejo de identificação. Foi no contexto dessa intensa transferência paterna que sua mãe começa a me telefonar, ora para falar da escola, ora para me dizer que o pai de Carlos tinha feito tal ou tal coisa. Estava ciente de que algo diferente estava

se passando, mas escapava, neste momento, à minha percepção consciente. Curiosamente, assisto a uma paralisação na análise de Carlos, cessam as associações, o jogo parece perder o encanto, desenvolve-se uma verdadeira reação terapêutica negativa. Minhas intervenções são mais no sentido de conseguir retomar um estado anterior do que atingir o que poderia estar acontecendo. Sinto-me tão paralisado quanto Carlos. Após algumas sessões, tenho a impressão de que o que está ocorrendo teria alguma relação com os telefonemas da mãe.

Dois caminhos associativos começavam a delinear-se: por um lado, pareceu-me que a mãe de Carlos estava me colocando num lugar de pai substituto de meu paciente, num momento particularmente intenso de transferência paterna. Isso, se captado inconscientemente por ele, faria coincidir uma experiência no campo imaginário transferencial com uma substituição no campo da realidade efetuada pela mãe. Se eu não apontasse esse movimento, estaria contratransferencialmente sendo cúmplice de sua mãe na anulação do seu pai enquanto tal. Isso explicava parte do que estava se passando, pois dava alguns parâmetros para compreender a paralisia de Carlos, mas não a minha. Tenho a impressão de que, naquele momento, a intensidade da transferência conduzira-me, contratransferencialmente, a ocupar o lugar de pai do meu paciente. Se isso for plausível, a interferência da mãe, neste momento, obedecia também à intenção inconsciente de atacar qualquer identificação paterna do filho. Cumpriam-se, assim, dois objetivos: desabonar a imagem do pai real e reagir resistencialmente ao processo analítico de Carlos, justamente quando se intensificava seu interesse pelo universo masculino, o que lhe daria possibilidade de refazer suas identificações. Isso me levou a propor uma entrevista com a mãe de Carlos para explicitar parte desse movimento: tanto na direção de que Carlos tinha um pai e que seria com ele que ela deveria discutir algumas questões sobre a educação do filho que

diziam respeito a ambos, como na direção de explicitar a dificuldade que ela teria em ver seu filho crescer, compartilhando um universo masculino com seu pai, o que a confrontaria com a própria castração (obviamente isso não lhe foi dito assim). Resta-nos compreender que o pai, nesta família, não pôde até então ocupar um lugar diferente junto à sua esposa.

Concluo aqui este relato clínico, pois pretendo discutir, em torno desses elementos, algumas questões teóricas interessantes que, embora do ponto de vista da técnica digam respeito à Psicanálise com crianças, têm implicações na clínica psicanalítica como um todo.

Gostaria de retomar a primeira sessão com Carlos. A árvore queimada, sem vida, consequência de um acidente, poderia estar aludindo à dimensão traumática que a separação teve para ele, na potencialidade de confirmar sua fantasia inconsciente de uma impossibilidade identificatória e, dessa forma, tal qual uma árvore queimada poderia refletir no processo de ver apagada sua vitalidade. Mas provavelmente era muito ameaçador para ambos os genitores. Para a mãe, na medida em que a confrontava com suas próprias dificuldades em relação ao masculino e, para o pai, na medida em que as fantasias fossem apenas um dos sentidos possíveis desse desenho. Há aspectos do universo psíquico dessa criança que vim compreender muito mais tarde na sua análise. Carlos vivia uma intensa sensação de solidão. Parecia habitar um mundo desolado que progressivamente pôde ser povoado por personagens fantasiados, e por outros do mundo exterior, que aos poucos passaram a fazer parte de sua vida. Alguns meses antes de decidirmos estar na hora de concluir nossos encontros, Carlos deixara de utilizar o material lúdico que lhe fora oferecido. Preferia deitar-se no divã, ficava calado durante longos espaços de tempo. Numa das sessões, disse: “Acho que não preciso mais vir aqui, alguma coisa

deste lugar está dentro de mim”. Tenho a impressão de que Carlos conseguira reconstruir um espaço psíquico até então experimentado como destruído, vivendo ameaçadoramente seus movimentos e fantasias edípicas. Por um lado, interpreto sua fala não como uma identificação com o analista, mas como um momento de apropriação do próprio processo analítico e da possibilidade de se reconhecer capaz de lançar-se para o mundo a partir de uma historização do seu percurso identificatório.

Por outro lado, a repetição transferencial não só nos colocou em contato com o universo inconsciente de Carlos, como também com o que poderíamos chamar de potencialidade patógena ou traumática do núcleo familiar. A compreensão dessa dinâmica permitiu a continuação de sua análise, assim como o início de uma interrogação por parte dos pais a respeito dos lugares que ocupavam em relação a seus filhos (Carlos tem um irmão mais novo que também se encontrava em processo terapêutico).

Carlos reedita transferencialmente suas angústias face aos desejos edípicos. Ele nos mostra a incapacidade de constituir-se como sujeito capaz de desenvolver suas potencialidades no contexto de uma família na qual exteriorizar suas fantasias edípicas era muito ameaçador para ambos os genitores. Para a mãe, na medida em que a confrontava com suas próprias dificuldades em relação ao masculino e, para o pai, na medida em que as fantasias a respeito da homossexualidade do filho evidenciavam seus próprios conflitos identificatórios.

Se esse modo de compreender os aspectos parciais da análise de Carlos for plausível, podemos sustentar que a situação transferencial carrega consigo as marcas do infantil. Um infantil que nada tem a ver com um infantilismo comportamental, mas que é herdeiro da aventura humana de se constituir como sujeito no contexto de uma família, numa cultura determinada. Esse processo, nunca

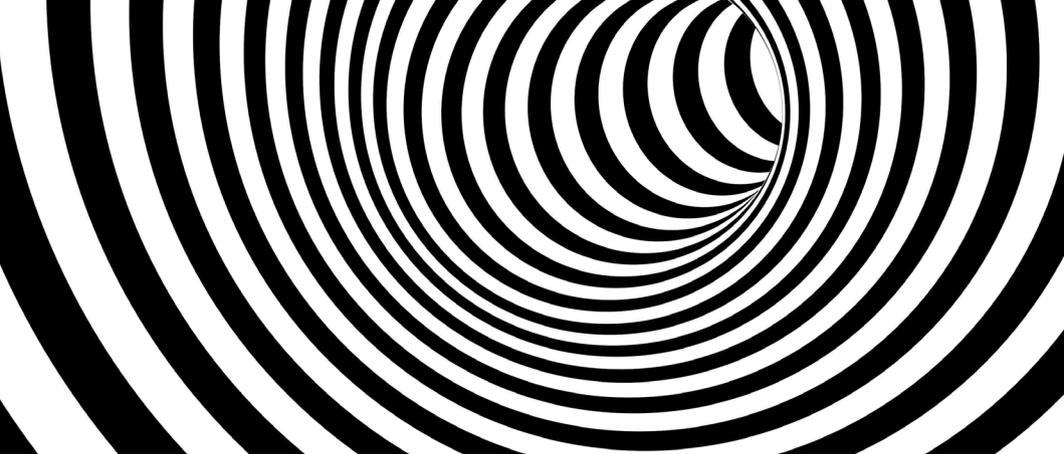
acabado, muitas vezes encontra sérios impedimentos em sua evolução. A análise permite apreender na transferência momentos de impasse no percurso identificatório de Carlos.

Há muitas questões que se depreendem desse material, questões que dizem respeito à análise com crianças, ao papel que cabe aos pais nesse processo, à questão da potencialidade traumática de uma determinada organização familiar, ao grau de dependência da fantasia e da organização sintomática do imaginário familiar que, para Carlos, funciona como real. Enfim, questões ligadas à psicogênese em geral e ao trabalho específico com crianças em particular.

Retomo, mais uma vez, o primeiro encontro com Carlos, a figura triste, uma criança que se identifica com uma árvore queimada, murcha e sem vida. De que acidente nos estaria falando, qual a separação em questão? Parece ter sido abandonado na beira da estrada há muito tempo. O que evoca sua memória de um tempo morto-vivo dentro de si que pede para renascer? Qual é o tempo do acidente que congelara sua capacidade de investir afetivamente no mundo, de investir sua própria capacidade de pensar, de se arriscar num jogo identificatório? Carlos está preso num tempo imemorial, cujo paradoxo é retê-lo preso a uma memória que o impede de crescer. Tempo é devir, movimento, tempo do acontecimento, tempo da lembrança que evoca outro tempo. Alguma coisa está parada, interrompida, não pode fluir. A árvore queimada parece não ter perspectiva além do próprio lamento, que Carlos representa num corpo sem tônus, flácido, encostado à beira da estrada esperando.

Tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos em nossa existência e de um modo muito particular na experiência analítica. Tempo e memória nos mobilizam a retomar uma perspectiva histórica na

compreensão do sujeito e da própria teoria psicanalítica. Convido o leitor a empreender um percurso, ora metapsicológico, ora clínico, que talvez possa abrir algumas das portas que trancam os segredos da subjetividade.



Nesta obra, que agora ganha sua segunda edição, o psicanalista Bernardo Tanis convida o leitor a transitar pelas multifacetadas dimensões da memória e da temporalidade que nos habitam e conferem sentido à nossa existência – e a descobrir por que o infantil, como fonte de desilusão ou de inspiração, nunca deixa de ser referência.

O infantil é o testemunho inconsciente, atual e vivo da realidade psíquica e da constituição da nossa subjetividade. Para além de uma dimensão onipotente e por vezes traumática, expressa o potencial pulsional e criativo da nossa singularidade.

“Transformar a relação com o infantil não significa sua eliminação, mas permitir uma reorganização de forças para que o novo possa advir.”

Bernardo Tanis

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-262-5



9 786555 062625



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O Infantil na Psicanálise

Memória e temporalidades

Bernardo Tanis

ISBN: 9786555062625

Páginas: 226

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
